

## 9

## ***Sur o no Sur* : a construção transnacional da América Latina desde as migrações e os usos sociais da internet**

*Sur o no Sur: transnational construction of Latin America since migrations and social uses of the internet*

*Sur o no Sur: la construcción transnacional de América Latina desde las migraciones y los usos sociales de internet*

**Liliane Dutra Brignol**<sup>1</sup>

**RESUMO** O objetivo do artigo é explorar as narrativas identitárias em torno da América Latina construídas a partir da experiência de deslocamento de migrantes latino-americanos residentes em Barcelona, Espanha, e Porto Alegre, Brasil. Buscamos entender como modos plurais de experimentar a identidade latino-americana pelos migrantes permitem observar implicações nos usos sociais da internet. Na investigação empírica, a partir de uma perspectiva etnográfica, percebemos que parte da vivência da latino-americanidade relacionada aos usos da internet se dá pelo consumo e produção cultural. A diversidade de sites propostos com referência às identidades nacionais e à América Latina também pode ser entendida como manifestação de um sentido de latino-americanidade percebido como vivência transnacional.

**PALAVRAS-CHAVE** América Latina; migrações transnacionais; internet.

**ABSTRACT** The objective of the article is to explore some identity narratives about Latin America constructed upon the Latin-American moves of migrants living in Barcelona, Spain, and Porto Alegre, Brazil. We seek to understand how plural modes of living the Latin-American identity by migrants allow the observation of some characteristics in the social uses of the internet. In the empirical investigation, from an ethnographic perspective, we noticed that part of the Latin-American living related to the uses of the internet occurs by cultural production and consumption. The diversity of websites with reference to national identities and to Latin America can also be understood as a manifestation of the meaning of being Latin-American which is experienced as a transnational living.

**KEYWORDS** Latin America; transnational migrations; internet.

**RESUMEN** El objetivo del artículo es trabajar las narrativas de identidad en torno a la idea de América Latina construidas a partir de la experiencia de desplazamiento de migrantes latinoamericanos residentes en Barcelona, España, y Porto Alegre, Brasil. Intentamos comprender como modos plurales de experimentar la identidad latinoamericana por migrantes permiten observar implicaciones en los usos sociales de internet. En la investigación empírica, desde una perspectiva etnográfica, percibimos que parte de la vivencia de la latinoamericanidad relacionada a los usos sociales de internet se da por consumo y producción culturales. La diversidad de sites propuestos con referencia a las identidades nacionales y Latinoamérica también puede ser comprendida como manifestación de un sentido de latinoamericanidad percibido como vivencia transnacional.

**PALABRAS CLAVE** Latinoamérica; migraciones transnacionales; internet.

---

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos, São Leopoldo – RS – Brasil. Professora e pesquisadora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano – Unifra, Santa Maria – RS – Brasil. Email: lilianedb@yahoo.com.br.



*Me voy porque aquí no me alcanza,  
me vuelvo porque no hay esperanza  
Me voy porque aquí se aprovechan,  
me vuelvo porque allá me echan  
Sur o no sur...*

(Sur o no Sur, Kevin Johansen)

O que aporta hoje a ideia de América Latina, que tantos e tão diversos sentidos evoca ao longo de sua história? Mais: por que optar por um recorte desde esse eixo em uma época em que se mais discute sobre saídas individuais e não sobre grandes relatos, em que os nacionalismos são postos em questão e todas as tentativas de organizações supranacionais parecem cair em contradição? Uma identidade conflitiva, desde sua invenção, teria capacidade explicativa em meio às reconfigurações econômicas, sociais e culturais em que vivemos?

Desde o contexto brasileiro pode parecer ainda mais distante a proposta de uma pesquisa que parte de um olhar sobre a América Latina. Tão afastados estamos das reflexões em torno do que nos constitui como latino-americanos que não raras vezes nos referimos a eles, os latinos, a partir de outro lugar. Ainda assim, não podemos negar o fato de estarmos em meio a um conjunto de países que compartilham trajetórias, muitas vezes de pobreza e exploração, mas também de resistência e de um percurso histórico e cultural plural, o que ajuda a entender esse movimento complexo de negação e reconhecimento diante de diferentes modos de ser latino-americano.

O contexto da América Latina é nosso ponto de partida no estudo sobre usos sociais da internet e migrações, trazendo, neste trabalho, reflexões que integram os resultados da tese de doutorado

“Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana” (BRIGNOL, 2010a)<sup>2</sup>. Para a investigação empírica dos usos sociais da internet, desenvolvida de 2007 a 2009, foi construído um percurso metodológico a partir de uma perspectiva etnográfica, que se baseou na combinação de técnicas como observação, análise de ambientes comunicacionais na internet, aplicação de questionários e realização de entrevistas em profundidade de relatos de histórias de vida com entrevistados em Barcelona, Espanha, e Porto Alegre, Brasil. Os dois cenários, marcados pela presença de migrantes latino-americanos, em uma dinâmica urbana, social, cultural e econômica diversa, foram escolhidos pela riqueza das migrações transnacionais.

Neste artigo, o objetivo é explorar as narrativas identitárias em torno da América Latina construídas a partir da experiência de deslocamento e entender como modos plurais de construir a identidade latino-americana, ou *latino-americanidade*, como preferimos, pelos migrantes residentes em Porto Alegre e Barcelona permitem observar implicações nos usos sociais da internet entre os colaboradores da pesquisa.

Ancorados em um referencial teórico que privilegia o conceito de mediação (MARTÍN-BARBERO, 2001; 2002), entendemos que os usos sociais da internet são definidos por um conjunto de entornos que interage na construção dos significados atribuídos aos meios de comunicação e no modo como sujeito e tecnologia se relacionam.

<sup>2</sup> A pesquisa buscou compreender as dinâmicas dos usos sociais da internet por migrantes latino-americanos, de maneira a refletir sobre o modo como questões identitárias atravessam usos da rede mundial de computadores, demandando apropriações de seus ambientes comunicacionais e configurando estratégias para o acesso a condições de cidadania. Foi realizada no PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos de 2006 a 2010, com bolsa Capes-Propup, sob orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Cogo.

A relação entre comunicação e cultura, o afastamento do determinismo tecnológico, a valorização do receptor e a preocupação com o processo de significação inserido nas práticas cotidianas são algumas das reflexões assumidas, muitas delas relacionadas à perspectiva dos estudos culturais latino-americanos, que colaboram para pensar os usos sociais da internet. Mais do que o inicial deslocamento exigido pelo estudo das mediações na produção de sentidos atribuídos aos meios de comunicação, é proposto pensar sobre as novas formas de vida e sociabilidades construídas através de profundas transformações instauradas pelos usos das tecnologias da comunicação.

A constatação de rupturas nas culturas, no modo como nos identificamos e na forma com que estamos juntos em sociedade a partir dos usos que efetuamos dos meios de comunicação e das novas experiências que eles possibilitam, aliada à compreensão do papel das práticas culturais cotidianas nas relações com as tecnologias, são importantes pontos considerados ao pensarmos a comunicação na contemporaneidade.

O conceito de usos sociais, a partir de sua aproximação à ideia de mediação tecnológica (MARTÍN-BARBERO, 2006), pode ser associado à compreensão das diferentes apropriações realizadas pelos sujeitos em relação às tecnologias. Neste artigo, usos sociais e apropriações são entendidos como sinônimos, pois levamos em consideração o caráter de atuação efetiva dos sujeitos a partir do modo como incorporam as tecnologias e, principalmente a internet, em seus cotidianos.

Nessa perspectiva é que pensamos a internet inserida em uma questão complexa, que passa a ser problematizada desde as tensões entre inovações da ordem tecnológica e as identidades dos sujeitos que a utilizam. A multiplicação dos usos da internet –

com possibilidade crescente dos sujeitos assumirem o protagonismo, tanto no caminho que constroem para se comunicar e informar, quanto na produção de formas de comunicação alternativas e plurais – são foco de nosso interesse.

O estudo sobre usos sociais da internet torna-se mais complexo ainda quando o propomos a partir das relações percebidas com o movimento das migrações transnacionais, ao pensarmos os latino-americanos em diáspora. Isso faz com que as questões identitárias passem a ser tensionadas por outras vivências, o que demanda novas políticas de posição, atravessadas pela experiência das migrações contemporâneas e seu universo de sentidos sociais, políticos, legais, culturais e de modos de vida.

O fenômeno das migrações não é novo, sendo a mobilidade uma marca constituinte da própria história da humanidade. Entretanto, desde a última década do século XX, é percebida uma intensificação e reconfiguração dos fluxos migratórios. Estima-se que existam mais de 200 milhões de migrantes no mundo: 24 milhões a mais do que em 2000<sup>3</sup>. O que os dados não revelam, no entanto, é que o crescimento do número de migrantes é acompanhado pelo aumento de países envolvidos nas redes migratórias transnacionais, pela diversificação do tipo de migrações ou dos motivos que levam a deslocar-se, assim como pela ampliação das consequências sociais, econômicas e culturais dos fenômenos migratórios, como lembra Blanco (2006).

Nos últimos anos, um aspecto fundamental das migrações na América Latina e em todo o mundo é o seu caráter transnacional. Ao falar de transnacionalismo (PORTES, 1997; SANTAMARÍA, 2008), estamos nos referindo às relações múltiplas tanto com o local de nascimento, de migração e os

---

3 Segundo dados obtidos no site da Organização Internacional para as Migrações (<http://www.iom.int>).



muitos locais de passagem, de fluxo, pelos quais o migrante se desloca e com os quais interage. Embora pressuponha relações entre nações, o conceito de transnacionalismo passa a incorporar uma dimensão mais ampla ao vincular-se à noção de relações transculturais.

### Da impossibilidade de falar de uma só identidade latino-americana

São diversos os estudiosos que propõem pensar sobre a ideia que circunda o conjunto de países latino-americanos, sua história, geografia, economia, política e cultura. Muitos dos quais, entretanto, quer sejam *nativos* ou *estrangeiros*, assumem uma perspectiva fortemente marcada pela adoção de um modelo baseado em outras trajetórias sócio-históricas, o que acaba por implicar na comparação com ideais externos, sobretudo europeus ou norte-americanos.

Como afirma Ianni (2004), o que tem predominado é o olhar de elites e classes governantes, organizações e entidades multilaterais que tomam para si o papel de *agentes civilizadores* ao atribuir à América Latina características como o “atraso”, o “sub-desenvolvimento”, a “periferia”, a “marginalidade”, e “miséria”. García Canclini (2002) também fala sobre a tendência de abordar a América Latina pelo déficit, muito vinculada a teorias desenvolvimentistas e da dependência.

O autor destaca que, desde o século XIX, existem propostas para a definição do latino-americano. O ser latino-americano representaria, em muitas abordagens, uma síntese de identidades nacionais construída, muitas vezes, pela idealização de raízes indígenas ou pela ênfase a ditas unidades de caráter, propostas a partir de um modelo ibérico. Ter uma identidade significava fazer parte de uma nação ou de uma pátria grande, a América Latina: “*una entidad espacialmente delimitada, donde todo*

*lo compartido por quienes la habitaban – lengua, objetos, costumbres – marcaría diferencias nítidas con los demás”* (CANCLINI, 2002, p. 39).

A noção de identidade baseada em referentes tradicionais e vinculada aos limites do Estado-nação é tensionada, hoje, por constantes fluxos econômicos, comunicacionais e migratórios, que marcam outros modos de organizar experiências coletivas e construir narrativas de identidade. García Canclini (2002, p. 39) destaca essa dinamização associada a “*desplazamientos de migrantes, exiliados y turistas, así como los intercambios financieros multinacionales y los repertorios de imágenes e información distribuidos a todo el planeta por diarios y revistas, redes televisivas e Internet”* .

Esses movimentos fazem com que o significado da *latino-americanidade* não possa ser apreendido pela observação apenas do que acontece no território delimitado como América Latina. As respostas sobre os modos de ser latino-americano vêm também de fora, nas aproximações e tensões entre América Latina e outros referentes que estabelecem relações constitutivas de nossa história, através, entre outros fatores, de constantes movimentos migratórios.

O fenômeno das migrações certamente recebeu um impulso desde que a globalização foi acelerada. A motivação econômica intensifica a circulação das pessoas por diferentes países em busca de melhores condições de vida, as guerras e disputas de poder aumentam o número de asilados e refugiados políticos, a facilidade de deslocamento redimensiona as migrações temporárias através do turismo e de intercâmbios, além de outras possibilidades de fluxos mais flexíveis e por múltiplas motivações. Tudo isso imprime uma remodelação nas relações transnacionais e na convivência acerca de proximidades e diferenças entre as culturas, como explica Hall:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo (HALL, 2003: 44-5).

Responsáveis por impactos tão significativos tanto nos países de nascimento como de destino dos migrantes, as migrações vão produzir identidades que são plurais, que não se vinculam a um território específico, mas são atravessadas por diferentes pertenças. São identidades híbridas que obrigam uma profunda revisão na relação experimentada entre o passado e o presente, exigindo entendê-las em seu constante fazer-se. Identidades cuja compreensão ultrapassa a ideia de fronteira, pois são vividas por pessoas que deixaram a sua terra natal e passaram a pertencer a diferentes mundos ao mesmo tempo, configurando também identidades cosmopolitas.

Interessante que a percepção do inevitável processo de mudança instaurado pelas migrações pode trazer junto uma tentativa de resgate de um passado perdido, definido a todo o tempo como um ideal que precisa ser preservado. É como se a experiência da diáspora colocasse à prova um mito fundador de identidades que servia como alternativa para unificar histórias sempre feitas de ruptura. Só agora essas rupturas ficam evidentes e precisam ser pensadas (mesmo que para serem negadas).

Entretanto, uma concepção polarizada das identidades na diáspora, como afirmação de tradição ou reconhecimento da multiplicidade de vínculos, torna-se redutora. O emaranhado de identificações surgidas a partir da experiência de deslocamento,

que pode até mesmo combinar tentativas de resgate e manutenção dos vínculos com o passado e a emergência de novas experiências favorecidas pela mudança, vai ser responsável por uma profunda reconfiguração no modo como entendemos as identidades. A promessa de um retorno redentor à terra de origem não é o caminho mais adequado de entender o processo, ainda que possa estar presente nas lógicas dos migrantes, pois o resultado híbrido da experiência será invariavelmente agregado aos elementos supostamente autênticos das identidades.

Essa experiência é percebida como marco no modo de construir a identidade latino-americana, sem esquecermos da importância das migrações como dimensão constitutiva de toda a trajetória da América Latina. Por aqui, as ditaduras militares, a partir dos anos 1960, são apontadas como motivadoras de um primeiro grande movimento de migração. Mais tarde, as crises econômicas são responsáveis pela intensificação do fluxo migratório, que, nesse momento, mantinha-se mais no sentido sul-norte, através da escolha, sobretudo, de Estados Unidos e Europa como destinos. Depois, há uma pluralização desse movimento, incluindo países como Japão, Austrália, Nova Zelândia, assim como países da própria América Latina, como Argentina, Chile e Brasil. Com base em relatório da Comissão Econômica Para América Latina (CEPAL) de 2006, podemos destacar o incremento do número de migrantes latino-americanos de 21 milhões em 2000 para 25 milhões em 2005, por exemplo.

A diferença no fenômeno atual é mais complexa do que uma simples questão quantitativa: "As migrações do século XIX e da primeira metade do XX eram quase sempre definitivas e desligavam aqueles que partiam dos que ficavam, ao passo que os deslocamentos atuais combinam traslados definitivos, temporários, de turismo e viagens



breves de trabalho” (CANCLINI, 2007, p. 72). Embora essa ideia de ruptura ligada às migrações históricas precise ser relativizada, pois eram desenvolvidas várias formas de comunicação, certamente menos fluídas e mais difíceis (por carta ou entre os próprios migrantes), hoje há mais recursos para manter uma vinculação efetiva com o país de nascimento, através do acesso a diferentes TICs, o que faz pensar sobre uma interculturalidade que se constrói não apenas pelos fluxos migratórios, mas muito através dos meios de comunicação.

Esse cenário de migrações, ampliação dos fluxos econômicos, comunicacionais e midiáticos, de trocas e possibilidade de expansão do mercado de consumo cultural, torna cada vez mais difícil a tarefa de buscar uma definição da identidade latino-americana, pelo menos a de uma identidade única, delimitada e facilmente identificável. Talvez seria mais prudente falar de um espaço cultural latino-americano no qual coexistem muitas identidades, ou de identificações, de modos de narrar uma história de continuidades e discontinuidades, de versões de identidades plurais ou de uma latino-americanidade, mais como um processo fluído e contraditório, um sentido de pertença relacional, do que como um conjunto de atributos ou características comuns.

### **A construção transnacional da *latino-americanidade***

A construção de narrativas acerca da identidade latino-americana foi um dos aspectos articuladores do percurso metodológico da pesquisa, desde a escolha do recorte da migração pela trajetória de sujeitos nascidos em países que compõem a América Latina. Questões sobre vivências em torno da *latino-americanidade* também estiveram presentes como condutoras das entrevistas em profundidade de relatos de vida, na última etapa da pesquisa qualitativa.

Para situar os perfis dos entrevistados<sup>4</sup>, em Porto Alegre colaboraram oito sujeitos: seis homens e duas mulheres, de sete nacionalidades diferentes: dois uruguaios, um chileno, um boliviano, um paraguaio, uma peruana, uma argentina e um equatoriano. As idades variam de 20 a 71 anos, estando quatro dos entrevistados na faixa dos 30 anos. Quanto ao tempo de permanência no Brasil, há de 35 anos a apenas cinco meses. As atividades profissionais são: músico, gerente de restaurante, engenheiro eletricitista e professor, pintor, técnico em informática, secretária e estudante. Em Barcelona, também foram selecionados oito entrevistados: cinco mulheres e três homens, de seis nacionalidades diferentes: duas peruanas, uma dominicana, dois brasileiros, uma equatoriana, um uruguaio e um colombiano. Os entrevistados têm de 24 a 53 anos, perfis profissionais e trajetórias de migração distintas.

A partir das histórias dos 16 entrevistados, podemos tensionar e aprofundar o debate teórico sobre o que constitui a identidade latino-americana em sua diversidade, diante da impossibilidade de pensarmos em uma única versão para um processo de reconhecimento atravessado por questões históricas, políticas e teóricas tão marcantes, presentes, inclusive, nas construções feitas ao longo dos relatos. Apontaremos elementos simbólicos presentes nas narrativas sobre a identidade latino-americana para os entrevistados. Não queremos, com isso, cair em um reducionismo de destacar características essenciais do latino-americano, mas sentidos que são experimentados a partir das narrativas dos sujeitos que vivem diferentes trajetórias de migração.

<sup>4</sup> A diversidade de países de nascimento buscou considerar a representatividade da presença migrante em cada cidade, a partir da busca de referências a dados quantitativos levantados nos dois contextos. Optamos, neste artigo, por não identificar os entrevistados. Usamos dados como o país de nascimento e a cidade de residência para situar suas falas.

Nos relatos, aparecem referências a traços fixos e externos que, podemos dizer, relacionam certos coletivos à identidade latino-americana em função do fenótipo, do modo de falar o espanhol e do comportamento. O modo de vestir também está presente na construção feita pelos entrevistados para o que seria o latino-americano. Um dos migrantes fala a partir de sua experiência com a moda brasileira em Barcelona, consumida principalmente por dominicanas, equatorianas, peruanas, chilenas, além de brasileiras. Na descrição das roupas, aparecem referências ao clima tropical como responsável por um comportamento diferente do encontrado entre as europeias. As latino-americanas seriam mais sensuais, nas palavras do migrante nascido no Brasil, que reconstrói em sua narrativa uma ideia de América Latina como o exótico que gera encantamento, imaginário presente também entre alguns espanhóis.

Aparece outra referência recorrente nas narrativas aliada à ideia de proximidade nas relações, interpretada por seus aspectos negativos, como intromissão, demonstrando certo controle social; ou positivos, como preocupação e solidariedade. Os entrevistados falam da espontaneidade como marca do que configuraria uma característica do latino-americano, assim como a valorização de experiências mais coletivas do que individuais. É referida a importância da conversa em uma mesa de bar e partidas de futebol com amigos (também migrantes de diferentes países da América Latina) que proporcionam momentos celebração. A importância da reunião e um sentido de compartilhar a vida estão presentes também nas festas, bailes, almoços e jantares organizados pela comunidade latino-americana, tanto em Barcelona quanto em Porto Alegre, muitas articuladas a partir de redes de entidades civis, religiosas e administração municipal.

O comprometimento com a família também aparece como um valor que aproximaria os latino-americanos, identificando um comportamento comum de preocupação e cuidado com a família de forma estendida, o que inclui tios, primos e parentes distantes. As relações familiares constituem, inclusive, apoio às migrações transnacionais, sendo destacado nas entrevistas o papel de um parente (às vezes um amigo próximo) como referência na chegada à Barcelona e Porto Alegre.

Para além de atributos fixos e de características que comporiam um perfil ou tipo de comportamento identificado pelos entrevistados como comum entre latino-americanos, aparece uma associação recorrente entre América Latina e uma situação de luta. O latino-americano seria um sujeito lutador, trabalhador, que supera obstáculos, o que já implica no reconhecimento da América Latina como um lugar onde são enfrentadas dificuldades de diferentes ordens, no que García Canclini (2002) identifica como uma tendência de descrição pelo déficit, sempre apontando aquilo que nos faltaria para atingir uma condição de desenvolvimento.

A América Latina aparece construída pelo déficit, por exemplo, em questões que afetam o dia-a-dia, como nas referências à violência e à insegurança como preocupação constante para os latino-americanos, o que causa um estranhamento a uma das entrevistadas residentes em Barcelona, que sente mais medo ao caminhar pelas ruas de Lima, considerada por ela como um caos, nas visitas à cidade desde que se mudou para a Espanha. Ela comenta, por exemplo, da diferença do comportamento de um peruano e um estrangeiro, em função do cuidado diante da possibilidade de assalto.

O mesmo aparece na preocupação com as constantes crises econômicas como motivadora da busca de notícias sobre o país de nascimento,



para outra entrevistada nascida no Peru, morando em Barcelona, ou a lembrança de tragédias naturais para as quais são deslocadas atenção e ajuda da Espanha e de outros países ao Peru.

Uma história compartilhada de pobreza e de atrasos, aliada ao difícil processo de democratização em decorrência de golpes de estado e governos autoritários aparecem como algo que aproxima os latino-americanos e, ao mesmo tempo, os distingue pelo olhar do outro. Uma entrevistada chega a ironizar sobre o modo como os latino-americanos são vistos como “pobrezinhos” pelos espanhóis ao responder, diante de insistentes perguntas sobre as condições de miséria em seu país, que ajudaria a irmã a migrar porque ela estaria passando fome no Peru. Para um entrevistado nascido no Equador e residente em Porto Alegre, além de afinidades culturais, os países da América Latina almejam reconhecimento pela busca de desenvolvimento econômico.

A construção da pobreza como uma situação social e econômica, atravessada por fatores históricos comuns aos países da América Latina, é feita também por outros entrevistados, mas desde uma visão otimista que mostra o desafio de superação como uma condição de sobrevivência associada à necessidade de engajamento político. Suas histórias referem uma mudança de perspectiva: uma visão estruturalista e de macrorrelatos dá lugar ao reconhecimento de uma maior intervenção dos próprios sujeitos que constituem a América, ao assumirem um papel mais atuante diante de sua trajetória. Como contraposição à ideia da exclusão social como geradora de desesperança e desmobilização, presente em explicações sobre a situação da América Latina, pelo menos quatro entrevistados se reconhecem como latino-americanos pelo modo como lidam com as adversidades com enfrentamento e sem resignação.

Esse posicionamento não exclui, certamente, a responsabilidade sobre a trajetória dos países da América Latina das mãos do estado e das decisões econômicas em nome da tendência de uma crescente iniciativa social. A participação política está marcada, na trajetória latino-americana, por uma história comum que passa, como bem apontam os colaboradores da pesquisa, entre outros fatores, pela construção de um sentido de oposição durante as ditaduras instaladas em nossos países na segunda metade do século XX, mas ultrapassa esse contexto e ganha força em um momento histórico em que a sociedade civil conquista mais espaço para refletir e agir.

A participação política é forte na trajetória de dois entrevistados em Barcelona: uma jovem nascida no Peru com atuação em ONG's e movimentos sociais relacionados à luta por direitos das mulheres, e outro entrevistado que foi candidato a deputado na Colômbia e mantinha uma posição contrária ao governo do então presidente Álvaro Uribe, através da participação em manifestações na Colômbia e na Espanha, e também por meio do debate em torno das questões políticas, promovido em seu blog.

A tomada de posição do sujeito como agente importante na construção da trajetória latino-americana dá conta, inclusive, da compreensão de uma passagem da utopia da “Pátria Grande”, como metáfora para a constituição de um caráter unificador entre os países da região, para o reconhecimento de uma tendência de fragmentação diante da pulverização de problemas não resolvidos pelos próprios países e entre eles.

O estranhamento trazido com a experiência de deslocamento nos faz pensar sobre o caráter estratégico e relacional da *latino-americanidade*. Essa experiência de estranhamento impacta o modo de olhar a América Latina também para os entrevistados. Isso leva, para 13 deles, a reforçar



um sentido de pertença ao que definimos por *latino-americanidade*, entendida mais por uma construção simbólica do que por referentes concretos, como vimos, e assumida como uma política de posição, tanto em Porto Alegre quanto em Barcelona. Alguns dizem ter compreendido melhor a América Latina somente depois da experiência de deslocamento, abordando o que diferencia a cultura latino-americana de outras culturas.

A conturbada integração dos brasileiros à *latino-americanidade* é colocada em debate em Porto Alegre. Um dos entrevistados e seu grupo de amigos são considerados “latinos” na universidade e outro entrevistado chega a construir um sentido de *latino-americanidade* pela oposição ao que ele aponta como uma identidade brasileira. O distanciamento é construído também nas narrativas dos brasileiros que vivem na Espanha. Primeiro, para uma entrevistada que não gosta de ser identificada como latino-americana, mas como brasileira. Segundo, por outro que participa de um espaço cultural brasileiro e latino-americano na cidade, mas que, diante da criminalização da presença brasileira na Espanha na mídia, demonstra um afastamento estratégico.

Em Porto Alegre, apenas uma entrevistada nascida na Argentina e tendo a própria história familiar marcada pela migração italiana, diz reconhecer-se mais com o que ela percebe como uma identidade europeia, pelos sentidos de organização, responsabilidade e comprometimento, com os quais se identifica e que não percebe entre os latino-americanos. Ainda assim, é vista (mais pelo sotaque) como latino-americana.

Todos estes diferentes relatos nos fazem refletir, portanto, sobre uma construção que se aproxima do que defendemos como entendimento, não de uma identidade latino-americana como algo fixo, mas como um processo discursivo só possível de ser concebido por um entrelaçamento de versões

e muito marcado pela condição de deslocamento como nova fonte de significações. A *latino-americanidade* é diversidade e construção coletiva que até baseia-se em traços tidos como elementos culturais comuns, mas que os ultrapassam no reconhecimento da heterogeneidade cultural e de uma história responsável por uma situação de desigualdade econômica e social como definidores de um sentido de oposição diante de outras experiências identitárias.

### **Construção da América Latina nos usos da internet**

A partir do trabalho de pesquisa empírica, buscamos resgatar as trajetórias dos sujeitos, destacando vivências identitárias com que se deparam em seu dia-a-dia de migrantes, de modo a entender, num segundo momento, como os usos sociais da internet são impactados por essas experiências ao mesmo tempo em que as reconfiguram. Foi assim que chegamos a dez dimensões de usos sociais da internet relacionados ao fenômeno migratório<sup>5</sup>: como apoio na construção de projetos de migração, na manutenção de laços entre famílias e relações transnacionais, nos vínculos informativos com o país de nascimento, no consumo e na produção culturais, no aprendizado de idiomas dos locais para os quais migraram, na obtenção de informações ligadas à cidadania jurídica, em usos de mídias de migração, como companhia e ócio, na participação política mediada tecnologicamente e na organização em entidades e movimentos associativos, atravessados pela condição migrante, latino-americana ou pelo sentido de pertença a uma identidade nacional ou étnica.

<sup>5</sup> Aspectos aprofundados em outro artigo (BRIGNOL, 2010b). Abordamos aqui os usos da internet relacionados com a *latino-americanidade*, identificados pela observação em cibercafés e locutórios, pela visita à casa e ao local do trabalho dos migrantes colaboradores da pesquisa e pelo seu relato, inicialmente em questionários e depois pelas entrevistas em profundidade



Como apropriações gerais da internet, podemos destacar que o email é o uso mais comum. Apenas uma entrevistada não tem uma conta de email própria, usando essa ferramenta de comunicação, quando necessário, com a ajuda do filho. No geral, o email serve para estabelecer contatos profissionais, participar de listas de discussão, manter contato com familiares e amigos, cadastrar currículos em busca de emprego, divulgar o próprio trabalho cultural ou artístico, entre outros usos.

Como ampliação das possibilidades comunicativas dos entrevistados, relacionada ao caráter interacional da internet, aparece, logo depois do email, o uso dos programas de trocas de mensagens instantâneas, como *MSN Messenger* e *Skype*, citados por 14 dos entrevistados como importante meio de comunicação com familiares e amigos. Os sites de redes sociais, com o fim de estabelecer relacionamentos, compartilhar ou ter acesso a conteúdos como música, vídeos e fotos, estão presentes para dez entrevistados, existindo um uso combinado de diferentes sites, como Hi5, Orkut, YouTube.

Entre os principais usos associados ao caráter midiático da internet está a busca de informações em sites de notícias, portais, veículos online, e, principalmente, de versões online de veículos impressos, como os jornais de maior circulação dos países de nascimento dos entrevistados, além de sites dos jornais de referência nos países de migração. Os entrevistados que mais se identificam com uma identidade cosmopolita, que já moraram, viajaram, mantêm amizades com pessoas de vários países ou possuem relações de trabalho e estudo plurais, também são aqueles que incluem em seu consumo midiático sites mais diversos e em outros idiomas.

Nesses principais usos da internet podemos entender uma série de relações que se estabelecem

com a vivência de experiências relacionadas à América Latina. Muito da construção da *latino-americanidade* passa pela vinculação, em primeiro lugar, às identidades nacionais. Ser latino-americano implica, antes de tudo, em ser chileno, equatoriano, boliviano ou colombiano, por exemplo (embora haja casos em que os sujeitos se reconheçam como latino-americanos, mas busquem um afastamento das identidades nacionais e também o processo contrário). O vínculo com as identidades nacionais aparece relacionado ao hábito de acessar os sites de jornais de seus países de nascimento e de manter uma comunicação próxima com amigos e pessoas de mesma nacionalidade como forma de estar a par dos principais acontecimentos.

Como vimos, o orgulho de sentir-se latino-americano se expressa principalmente pela vinculação da identidade latino-americana a uma situação de luta e superação, vivida como experiência concreta pelos migrantes, o que leva à participação política e à atuação em entidades associativas. Essa tendência se materializa nos usos da internet na participação em fóruns de discussão que exigem um posicionamento sobre determinados temas, no acesso a sites de entidades associativas e a sites de notícias.

A atuação política aliada ao associativismo reforça um sentido que já era vivido por muitos antes da migração, mas adquire outra dimensão com a experiência de deslocamento, quando a participação coletiva, o encontro, a troca e o intercâmbio visam suprir certa ausência que sentem de aspectos culturais e sociais diferentes dos encontrados no país de migração. Alguns dos entrevistados falam que tinham uma participação em entidades associativas antes, mas a maioria passou a participar de grupos culturais ou associações de diferentes fins logo depois do processo migratório. Essa participação demanda certos usos da internet

como possibilidade de prolongar o encontro dessas entidades, divulgar suas atividades, buscar novos participantes, promover um tipo de interação diferente daquela possível presencialmente.

Boa parte da vivência da *latino-americanidade* relacionada aos usos da internet se dá pelo consumo e pela produção cultural, o que é apontado como outro motivo de orgulho que leva ao reconhecimento dos sujeitos como latino-americanos. Os migrantes buscam sites de música, vídeos, clipes, filmes que fazem referências a artistas de seus países de nascimento e outros países latino-americanos como modo de manter a proximidade com o sentido de América Latina que carregam consigo. A internet aparece como uma possibilidade de facilitar o acesso às produções culturais que os migrantes teriam mais dificuldade de acompanhar nos países de migração. Através dela, é possível ter contato com os lançamentos de música, literatura, cinema, televisão, ao mesmo tempo em que se pode resgatar antigas produções que remetem a outros tempos e servem para alimentar certa nostalgia que acompanha a experiência da diáspora.

A internet é usada também para alavancar a produção de quatro migrantes que desenvolvem atividades profissionais, no país de migração, relacionadas a manifestações culturais que fazem referência à América Latina, como música, dança e pintura. A divulgação dos trabalhos, os contatos para a organização de shows e exposições, a troca com outros artistas, a venda de produtos culturais, a pesquisa para a produção do trabalho, o contato com pessoas que tiveram acesso às obras: todo esse processo, que é parte do trabalho que envolve a produção cultural, ganha novos contornos através do desenvolvimento de sites, da criação de perfis em sites de redes sociais, da troca de emails e da atualização de blogs. Trata-se de um viés mercadológico da América Latina como uma

construção que organiza e incrementa uma indústria cultural marcada pela *latino-americanidade*, para a qual a internet assume um papel muito importante na divulgação e distribuição desses produtos.

A diversidade de *web-diaspóricas*, entendida como sites, blogs e outros ambientes comunicacionais na internet propostos por ou para migrantes a partir de referências às migrações, também é entendida como uma manifestação que atua na construção de um sentido de *latino-americanidade* só possível de ser compreendido através da diáspora e, em grande medida, como uma experiência transnacional. Os múltiplos usos da internet impactados pela condição migrante e as pertencas identitárias dos entrevistados indicam como (tal qual o movimento de conexão e desconexão e a lógica de velocidade e fluidez próprios da internet) a vinculação a diferentes identidades integra a experiência dos sujeitos que vivem de modos diversos, em situações diferentes e muitas vezes de forma combinada, identidades migrantes, nacionais, étnicas, cosmopolitas e latino-americanas. A ideia de *latino-americanidade*, nas experiências estudadas em sua relação com os usos sociais da internet, aparece em seu caráter híbrido, associada a uma mescla de sentidos e acionada tanto como reconhecimento, pertença e alteridade.

### Considerações finais

Ao longo do trabalho, buscamos refletir sobre posicionamentos a partir do compartilhamento de experiências relacionadas à migração e com a vivência de questões relacionadas à experimentação de versões da identidade latino-americana. Quisemos, assim, entender as imbricações entre a diversidade cultural vivida com mais intensidade a partir da migração, sua dinamização por meio dos usos sociais da internet e a construção, a partir da experiência de deslocamento, de sentidos que ajudam a configurar uma *latino-americanidade*,



entendida enquanto a construção de um conjunto de sentidos compartilhados pelos países da América Latina, que mais do que uma delimitação geográfica, demarca um pertencimento identitário.

Percebemos que a *latino-americanidade* ganha força depois da migração para sujeitos que vivem um duplo processo de serem identificados como latino-americanos pelos outros e, na maioria, de também passarem a se reconhecer como tal, mesmo que para isso acionem diferentes sentidos de pertença. A questão trazida no título do artigo – *Sur o no sur* –, a partir da referência à canção do músico Kevin Johansen (ele mesmo nascido no Alasca, filho de pai norte-americano e mãe argentina, com a trajetória construída entre os dois países), parece estar presente nas narrativas dos entrevistados da pesquisa. O que antes não passava de uma ideia um tanto abstrata, a noção de América Latina, como um conjunto de países que guardam mais diferenças do que semelhanças, passa a ser assumida como uma política de posição, marcando uma distinção com tendência a ser positivada.

A maioria demonstra – pelo modo como se expressa durante os relatos, em atitudes e nos próprios usos da internet – certo orgulho pela condição latino-americana. Entretanto, não é sem tensões que se dá a vivência dessa estratégia identitária, o que aparece num certo ressentimento diante do preconceito sofrido por alguns migrantes. Esses movimentos dão mostra da diversidade constitutiva da identidade latino-americana, só possível de ser concebida através de misturas e entrelaçamentos que lhe são próprios. A América Latina é terra de profundos contrastes, como dito por um dos entrevistados, e esses contrastes também aparecem nos modos de identificação de cada um, deixando marcas nos múltiplos usos que esses sujeitos passam a fazer da internet como possibilidade de experimentação identitária, mais fortemente depois da migração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCO, Cristina. *Migraciones: Nuevas movilidades en un mundo en movimiento*. Barcelona: Anthropos, 2006.

BRIGNOL, Liliane Dutra. *Migrações transnacionais e usos sociais da internet: identidades e cidadania na diáspora latino-americana*. 2010a. 404 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo.

\_\_\_\_\_. *Usos Sociais da Internet na Diáspora Latino-americana*. In: *Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2010b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3078-1.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2010.

CANCLINI, Néstor García. *Latinoamericanos buscando lugar en este siglo*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/UNESCO, 2003.

IANNI, Octávio. *Enigmas do pensamento latino-americano*. Estudos Avançados: São Paulo, IEA, 2004. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/artigos>>. Acesso em: 18 jun. 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. *Oficio de cartógrafo: travesias latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica: 2002.

\_\_\_\_\_. *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século*. In: MORAES, Denis (Org). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PORTES, Alejandro. Globalization from Below: The Rise of Transnational Communities. Princeton University, 1997. Disponível em: < [http://maxweber.hunter.cuny.edu/pub/eres/SOC217\\_PIMENTEL/portes.pdf](http://maxweber.hunter.cuny.edu/pub/eres/SOC217_PIMENTEL/portes.pdf)>. Acesso em: 08 ago. 2009.

SANTAMARÍA, Enrique (ed). Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2008.

*Sur o no Sur: A construção transnacional da América Latina desde as migrações e os usos sociais da internet*  
Liliane Dutra Brignol

Data do Envio: 28 de agosto de 2010.

Data do aceite: 08 de novembro de 2010.

